

# Dos poetas latinos aos poetas do Cancioneiro Geral: o epitáfio de Tibulo<sup>1</sup>

MAFALDA FRADE<sup>2</sup>

*Centro de Linguística (FCSH), Universidade Nova de Lisboa*

**Abstract:** Using a translation of Domitius Marsus' *Tibullus' Epitaph*, we intend to contribute to the analysis of the translation of Latin texts in Portuguese. We will compare the latin poem with a translation of it compiled in the 15th-16th century poetic anthology *Cancioneiro Geral*, analyzing the literary and linguistic strategies followed by the poet João Rodrigues de Sá de Meneses to convey an understandable message to its audience without tampering the original ideas of the text.

**Keywords:** Domitius Marsus; *Tibullus' Epitaph*; João Rodrigues de Sá; *Cancioneiro Geral*; Portuguese; Latin.

Pretendemos, com esta investigação, contribuir para o estudo do fenómeno de tradução nos fins de Quatrocentos e alvares do Quinhentos, nomeadamente a nível da forma como era trabalhada e traduzida a poesia latina à época. Para isso, recorreremos à análise da tradução de um poema — o *Epitáfio de Tibulo*, de Domício Marso — que se encontra no *Cancioneiro Geral* e cuja autoria é atribuída a João Rodrigues de Sá de Meneses.

Com o estudo deste texto, procuraremos estabelecer um confronto entre as versões latina e portuguesa, procurando definir as diferenças e semelhanças entre ambas e chamando a atenção para as estratégias linguísticas e literárias seguidas pelo poeta português. Veremos, assim, se ele transmite de forma fiel a mensagem do texto original ou se se afasta dela, analisando as razões para tal procedimento. Note-se, neste âmbito, que traduzir prosa não é o mesmo que traduzir poesia: há artifícios necessários na poesia de cada época (como a estrutura rimática) que exigem um

---

<sup>1</sup> Texto recebido em 15.11.2011 e aceite para publicação em 15.01.2012.

<sup>2</sup> mmfrade@fcs.unl.pt (FCT-SFRH/BPD/47528/2008).

trabalho laborioso de construção textual e que impedem, por vezes, que haja respeito pelo texto original.

Tendo isto em conta, o cotejo dos dois textos pode ajudar a compreender se, à época da tradução, o Português possuía já recursos suficientes para que se conseguisse produzir uma tradução de qualidade, observando fidelidade ao texto original, ou se, pelo contrário, havia uma manifesta carência linguística que impedia tal situação.

## 1. Os textos em estudo

### 1.1. Origem do texto latino

Não há muitos dados biográficos que nos permitam definir, com clareza e certeza, a vida de Álbio Tibulo, poeta a quem é dedicado o epigrama latino em estudo e cuja obra, composta por elegias, se encontra coligida no *Corpus Tibullianum* (embora nem todos os *carmina* lhe sejam atribuídos). Sabemos, porém, que nasceu no século I a. C e privou de perto com Virgílio, tendo morrido provavelmente no ano de falecimento deste (19 a.C.)<sup>3</sup>. Para além disto, terá também conhecido Ovídio, que pertence, como ele, ao círculo de Messala Corvino e que lamenta a sua morte nos *Amores* (III.9)<sup>4</sup>.

O texto em estudo encontra-se na diminuta biografia deste poeta que chegou até nós, atribuída a Suetónio (*Vita Tibulli*), mais concretamente no *incipit* da mesma, que corresponde a um epigrama que José Justo Escalígero atribui a Domício Marso<sup>5</sup>:

---

<sup>3</sup> Ettore Paratore, *História da Literatura Latina* (Lisboa 1983) 473-499; Michael von Albrecht, *A History of Roman Literature* (Leiden 1997) 754-769; E. J. Kenney e W. v. Clausen, *Historia de la Literatura Clásica* (Madrid 1989) 455-457.

<sup>4</sup> *A History of Roman Literature*: 761.

<sup>5</sup> *História da Literatura Latina*: 475; *A History of Roman Literature*: 823-824; *Historia de la Literatura Clásica*: 525; A. M. Sánchez Tarrío, *Formación humana y poesía romance en el Cancioneiro Geral de García de Resende* (Santiago de Compostela 2001) 325-327.

Te quoque Vergilio comitem non aequa, Tibulle,  
Mors iuuenem campos misit ad Elysios,  
Ne foret, aut elegis molles qui fleret amores  
Aut caneret forti regia bella pede.<sup>6</sup>

Pertencente ao círculo de Mecenas e contemporâneo de Virgílio, Horácio e Tibulo, Domício Marso destacou-se sobretudo pelos epigramas que compôs (temos notícia de uma obra de nome *Cicuta*), embora o seu trabalho envolva outro tipo de composições, como o poema épico *Amazonis* ou o tratado *De Vrbanitate*. À época, seria mencionado e admirado por vários outros autores, como Ovídio (*Pont.* 4.16.5-6) ou Quintiliano, que considera que escrevia *diligentissime* e era *eruditissimus* (*Inst. Or.* 6.3.102, 108). Também Marcial, embora não apreciando em especial a sua veia épica (*Mart.* 4.29.7-8), várias vezes o menciona (ver, por exemplo, 2.71.3, 2.77.5, 7.29.8, 8.55.21-24)<sup>7</sup> e admira a sua criação epigramática, chegando a incluí-lo entre os poetas que olhava como exemplos a seguir:

Lasciuam uerborum ueritatem, id est epigrammaton linguam,  
excussarem, si meum esset exemplum: sic scribit Catullus, sic  
Marsus, sic Pedo, sic Gaetulicus, sic quicumque perlegitur (*Mart.* I,  
praef.)

sit locus et nostris aliqua tibi parte libellis,  
qua Pedo, qua Marsus quaque Catullus erit. (*Mart.* 5.5.5-6)

dicere de nobis, ut lector candidus, aude:  
'temporibus praestat non nihil iste tuis,  
nec Marso nimium minor est doctoque Catullo.' (*Mart.* 7.99.5-7)

O epigrama dedicado à morte de Tibulo, referindo também Virgílio, possui reminiscências literárias do primeiro, na medida em que emula parcialmente a sua poesia (*Corpus Tibullianum* 1.3.57-58<sup>8</sup>):

---

<sup>6</sup> *Suetonius — Vita Tibulli*: John C. Rolfe, *Suetonius. Vol. II* (Cambridge 1997) 468.

<sup>7</sup> Charles Thomas Cruttwell, *A History of Roman Literature: From the Earliest Period to the Death of Marcus Aurelius*, Vol. II (New York 1906) 299.

<sup>8</sup> Também Ovídio relembra Tibulo: *in Elysia ualle Tibullus erit* (*Am.* 3.9.60).

Sed me, quod facilis tenero sum semper Amori,  
Ipsa Venus campos ducet in Elysios.

## 1.2. Origem do texto português

A tradução do epitáfio de Tibulo está documentada no *Cancioneiro Geral* (número 488), obra em que Garcia de Resende (1476-1536) compila trovas e cantares peninsulares elaborados entre 1449 e 1516 (data em que se dá a publicação do trabalho final). A finalidade da publicação era, como se afirma no Prólogo, não permitir que a “arte de trourar, que em todo tempo foy muy estimada” caísse no esquecimento. Por essa razão, compilaram-se “muytas cousas de folguar e gentylezas”, ou seja, trovas palacianas de mais de 300 poetas e escritas sobretudo em português (há algumas em castelhano) nas cortes de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel<sup>9</sup>.

Os textos são de índole diversa e entre eles encontramos traduções de poemas latinos atribuídas a João Rodrigues de Sá de Meneses. Nascido na década de 80 do século XV e falecido a 25 de Janeiro de 1579<sup>10</sup>, este poeta foi frequentador assíduo da Corte de D. Manuel, que lhe confia várias missões, e, mais tarde, foi alcaide-mor da cidade do Porto<sup>11</sup>. Contudo, não se limita à vida militar e política, mas dedica parte do seu labor à vida intelectual, nomeadamente à poesia. De facto, sabemos que traduziu, por exemplo, poemas originários das *Heroides* de Ovídio, havendo indícios de que possuiria uma biblioteca bastante rica no que concerne a obras

---

<sup>9</sup> João Gaspar Simões, *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa* (Lisboa 1964) 47-49; António J. Saraiva e Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa* (Porto 2001) 155-163.

<sup>10</sup> Luís Fardilha, “João Rodrigues de Sá de Meneses na corte de D. Manuel”: *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas» — Porto* 20.1 (2003) 305.

<sup>11</sup> *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas» — Porto* 20.1 (2003) 305-306, 315-316.

clássicas<sup>12</sup>. E o seu gosto por elegíacos como Ovídio não é invulgar, se tivermos em conta que, nos finais do século XV, obras de autores da Antiguidade clássica (como Ovídio, Catulo ou Propércio) começam a ser objecto de impressão em Itália, sendo possível que alguns exemplares tenham chegado a Portugal nos primórdios do século XVI<sup>13</sup>.

Considerado um latinista de craveira<sup>14</sup>, no *Cancioneiro Geral* também é de sua autoria a tradução do *Epitáfio de Tibulo*, que iremos analisar em detalhe, procurando confrontá-la com o texto original de Domício Marso, no sentido de encontrar diferenças e afinidades entre os dois textos que permitam reconhecer as estratégias de tradução seguidas por Sá de Meneses e as soluções que encontrou em casos mais complexos.

### 1.3. A periodização textual

A publicação do *Cancioneiro Geral* situa-se numa época que consideramos híbrida no que toca à periodização linguística. De facto, e se, em termos históricos, o período que designamos por 'Idade Média' conhece o seu fim antes do século XVI, não nos parece possível, pelo menos em Portugal, considerar que a Língua Portuguesa seguiu o mesmo rumo, ainda que já se verifiquem mudanças, em termos literários, nos alvares de Quinhentos.

Na realidade, se circunscrever fases distintas na história da língua é já um labor delicado, fazer coincidir estas fases com períodos históricos específicos é ainda mais difícil, na medida em que os fenómenos relacionados com a mudança linguística ocorrem por factores de diversas índoles, nem sempre passíveis de serem rela-

---

<sup>12</sup> A. M. Sánchez Tarrío, "Notas sobre a biblioteca do fidalgo quinhentista João Rodrigues de Sá de Meneses": *Euphrosyne* 33 (2005) 167-186.

<sup>13</sup> A. M. Sánchez Tarrío, "Algunas lecturas del Cancioneiro Geral de García de Resende desde los elegíacos latinos": *Euphrosyne* 26 (1998) 266-268.

<sup>14</sup> Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre a época do Renascimento* (Coimbra 1969) 350.

cionados com ocorrências históricas<sup>15</sup>. Esta é a razão pela qual, parece-nos, a questão da periodização da Língua Portuguesa tem sido objecto de amplo debate, não existindo consenso total entre as diversas e bastas propostas apresentadas. Uma das épocas controversas é precisamente aquela em que se situa o *Cancioneiro Geral*, período que os investigadores denominam e configuram de diversas formas. Vejamos alguns exemplos, relacionados apenas com o período que vai do século XII ao século XVI:

Investigador	Denominação da época em estudo
Leite de Vasconcellos <sup>16</sup>	Português arcaico (do século XII a meados do século XVI)
Carolina Michaelis <sup>17</sup>	Português arcaico (1ª fase do século XII até 1350; 2ª fase até aos primeiros anos do século XVI)
Neto (segundo Carolina Michaelis) <sup>18</sup>	Português arcaico (1ª fase — período proto-histórico — do século IX ao século XII; 2ª fase — período trovadoresco — do século XII até 1350; 3ª fase — período do português comum — até aos primeiros anos do século XVI)
Mattos e Silva <sup>19</sup>	Português arcaico (1ª fase do início do século XIII até metade de Trezentos; 2ª fase até 1540)

<sup>15</sup> “Quando referimos uma mudança ocorrida no passado, tendemos a definir simplesmente a época em que ela “ocorreu”, frequentemente abstraindo as diferenças entre a cronologia das diferentes fases de accionamento, expansão, generalização (por exemplo, visto que a própria definição dessas fases é discutida em diferentes quadros teóricos). Este tipo de simplificação (ou idealização) decorre muitas vezes, de resto, da impossibilidade de recuperar os dados relevantes, que permitiriam contextualizar de forma rigorosa a cronologia de uma mudança em articulação com a sua expansão nos diferentes registos, variedades, etc.” (Teresa Brocardo, “Sobre periodização da história do português europeu. Contributo para uma discussão”: *Iberoromania* 62 (2005) 98-99).

<sup>16</sup> J. Leite de Vasconcellos, *Lições de Filologia Portuguesa* (Rio de Janeiro 1959) 16, 123.

<sup>17</sup> Carolina Michaelis de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa* (Lisboa s/d) 18-20.

<sup>18</sup> Serafim da Silva Neto, *História da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro 1992) 405.

<sup>19</sup> Rosa V. Mattos e Silva, *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe* (São Paulo 2006) 21-26.

*Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14 (2012)

Maia <sup>20</sup>	Português arcaico (1ª fase: do galego-português, até meados do século XIV; 2ª fase: fase arcaica média, até às primeiras décadas do século XVI)
Said Ali <sup>21</sup>	Português Antigo (do início do século XII até aos primeiros anos do século XVI); Português Moderno (a partir dos primeiros anos do século XVI)
Lindley Cintra <sup>22</sup>	Português Antigo (de 1385 até 1420); Português médio (de 1420 até 1536-1550)
Pilar Cuesta <sup>23</sup>	Galego-Português (de fins do século XII até 1350); Português pré-clássico (de 1350 a 1540)
Castro <sup>24</sup>	Ciclo de formação da língua (entre os séculos IX e XV); Ciclo de expansão da língua (entre os séculos XV e inícios do século XVI)
Castro <i>et alii</i> <sup>25</sup>	Português antigo (dos primeiros textos escritos até fins do século XIV); Português médio (de fins do século XIV (reinado de D. João I) até meados do século XVI)
Bechara <sup>26</sup>	Fase arcaica (entre os séculos XIII e XIV); Fase arcaica média (do século XIV até aos inícios do século XVI)

Por aqui se nota que, para a maioria dos investigadores, a época em que o *Cancioneiro Geral* surge é de transição entre a lín-

<sup>20</sup> Clarinda de Azevedo Maia, “Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a diferença entre português arcaico e português moderno”: *Diacrítica* 10 (1995) 3-30.

<sup>21</sup> Manuel Said Ali, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro 1971) 18.

<sup>22</sup> Ivo Castro, “O Português Médio segundo Cintra (nuga bibliográfica)”: Faria, Isabel Hub (org.): *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão* (Lisboa 1999) 368-369.

<sup>23</sup> Pilar Vásquez Cuesta *et alii*, *Gramática da Língua Portuguesa* (Lisboa 1971) 173-174.

<sup>24</sup> Ivo Castro, *Introdução à História do Português. Geografia da Língua. Português Antigo* (Lisboa 2004) 83-85.

<sup>25</sup> Ivo Castro *et alii*, *Curso de História da Língua Portuguesa* (Lisboa 1991) 173-174.

<sup>26</sup> Evanildo Bechara (“As fases da língua portuguesa escrita”: Kremer, Dieter (ed.): *Actes du XVIIIe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes* (Trier 1986) Tome III (Tübingen 1991) 68-76), citado por Brocardo (“Sobre periodização da história do português europeu. Contributo para uma discussão”: 108).

gua portuguesa medieval e a clássica, dada a existência de fenómenos linguísticos que tanto mantêm as características medievais como anunciam já uma mudança<sup>27</sup>. Tal não invalida que as ideias humanistas comecem a florescer no início de Quinhentos, conduzindo ao aparecimento de escritores que prezam e defendem a cultura clássica. Contudo, o início do século é também marcado, a este nível, pela ambivalência: lado a lado com as novas ideias ligadas à defesa da língua e cultura clássicas, pugna-se pela promoção da língua vernácula, que continua a predominar durante algumas décadas<sup>28</sup>, apesar das dificuldades que a insuficiência lexical suscitava<sup>29</sup>.

As traduções de Sá de Meneses situam-se, assim, e em nosso entender, numa situação um pouco ambivalente: por um lado, estão compiladas numa obra cuja época revela oscilações linguísticas, ainda que o seu autor manifeste bastas competências a nível do manejo da língua latina<sup>30</sup>; por outro, são sinal dos interesses de Sá de Meneses, cuja obra-prima, *De Platano*, possui um fundo claramente humanista<sup>31</sup>.

---

<sup>27</sup> Esperança Cardeira, “Português Médio: uma fase de transição ou uma transição de fase?”: *Diacrítica* 24.1 (2010) 80-81.

<sup>28</sup> Telmo Verdelho, *As origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas* (Aveiro 1995) 55-59. *Idem*, “Latinização na história da língua portuguesa, o testemunho dos dicionários”: *Arquivos do Centro Cultural Português* XXIII (1987) 158.

<sup>29</sup> A propósito do primeiro dicionário publicado, de Jerónimo Cardoso (*Dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*, 1562), e do confronto que este investigador faz com o léxico latino (*Dictionarium latinolusitanicum*, 1569/70), Verdelho afirma (*Arquivos do Centro Cultural Português*: 165-166): “Os dicionários dão testemunho desta carência e deste bloqueamento do léxico que antecede a grande vivência clássica da língua portuguesa. (...) Encontramos nos dicionários de Jerónimo Cardoso abundantes indicações sobre a insuficiência pré-literária ou mesmo pré-escritural da língua portuguesa sobretudo no respeitante ao léxico, e sobre o processo de latinização ou de relatinização intensificado a partir do século XVI.”

<sup>30</sup> A. M. Sánchez Tarrío, *Paisagem e erudição no Humanismo português* (Lisboa 2009) 53-54.

<sup>31</sup> *Paisagem e erudição no Humanismo português*.

## 2. A diversidade e similaridade nos textos

### 2.1. A estrutura formal

Uma das diferenças básicas entre os dois textos, resultado da diferente prosódia das línguas, é a questão métrica. De facto, em latim estamos face a um poema composto em dístico elegíaco e com cesuras pentemímeras, que se divide da seguinte forma:

- u u | - u u || u u | - - | - u u | - u

Te quoque Vergilio comitem non aequa, Tibulle,

- u u | - - | - || - u u | - u u | -

Mors iuvenem campos misit ad Elysios,

- u u | - u u | - || - | - - | - u u | - u

Ne foret, aut elegis molles qui fleret amores

- u u | - - | - || - u u | - u u | -

Aut caneret forti regia bella pede.

Já na tradução portuguesa, a situação é diferente, dado que à época, em termos prosódicos, a poesia já se regia por esquemas baseados na rima e na acentuação e não na quantidade das sílabas, típica da poesia latina. No entanto, há um cuidado notório na composição, como veremos.

O texto traduzido encontra-se em redondilha maior, metro versificatório mais frequente no *Cancioneiro Geral*. Em termos estróficos, corresponde a uma décima, dividida em duas quintilhas, que apresenta a seguinte estrutura rimática:

Epithafio de Tibulo poeta tirado por

Joam Rroiz em linguaem

A morte muy dessygal A

oo Tibulo te leouo B

aa vida que e ternal A

tu que soo foras ygual A

ao que Ma[n]tua criou. B

Por que mais hy nom ouesse C

em elegias disesse C

quem amores desyguaes D

ou as batalhas campaes D

dos rreys screuer podesse. C

*Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14 (2012)

Para além disto, o poema é construído em heptassílabos, apresentando uma variação a nível do movimento rítmico interior que não é de desprezar:

Epithafio de Tibulo poeta tirado por Joam	
Rroiz em linguajem	
A <u>morte muy</u> <u>dessy</u> <u>gual</u>	2 <sup>a</sup> /4 <sup>a</sup> /7 <sup>a</sup>
oo <u>Tibulo</u> te <u>leuou</u>	3 <sup>a</sup> /7 <sup>a</sup>
aa <u>vida que</u> e <u>ternal</u> <sup>32</sup>	2 <sup>a</sup> /4 <sup>a</sup> /7 <sup>a</sup>
tu que <u>soo</u> foras <u>y</u> <u>gual</u>	3 <sup>a</sup> /7 <sup>a</sup>
ao que <u>Ma[n]</u> tua <u>criou</u> .	3 <sup>a</sup> /7 <sup>a</sup>
Por que <u>mais</u> hy nom <u>ouesse</u>	3 <sup>a</sup> /7 <sup>a</sup>
<u>em</u> elegias <u>disses</u>	1 <sup>a</sup> /4 <sup>a</sup> /7 <sup>a</sup>
quem <u>amores</u> <u>desy</u> <u>guae</u> s	3 <sup>a</sup> /7 <sup>a</sup>
<u>ou</u> as <u>batalhas</u> <u>cam</u> <u>paes</u>	1 <sup>a</sup> /4 <sup>a</sup> /7 <sup>a</sup>
dos <u>rreys</u> <u>screuer</u> <u>podesse</u> .	2 <sup>a</sup> /4 <sup>a</sup> /7 <sup>a</sup>

Apesar da grande variedade rítmica ao longo do poema, há um claro cuidado no modo como este foi elaborado, na medida em que, mesmo em termos métricos, se nota respeito pela estrutura do texto latino. De facto, parece-nos que o poeta teria noção das cesuras do poema latino e do valor estilístico das mesmas e procurou respeitar tal no seu trabalho. Assim, observamos que, ao longo da sua tradução, os acentos rítmicos mais fortes dos versos estão ligados a vocábulos que, no texto latino, ocupam também uma posição de destaque, dadas as cesuras, embora não haja uma total exactidão. Vejamos a correspondência:

	<i>A <u>morte muy</u> <u>dessy</u><u>gual</u></i>
	<i>oo <u>Tibulo</u> te <u>leuou</u></i>
	<i>aa <u>vida que</u> e <u>ternal</u></i>
	<i>tu que <u>soo</u> foras <u>y</u><u>gual</u></i>
<i>Te quoque <b>Vergilio comitem</b> non aequa,</i>	<i>ao que <u>Ma[n]</u>tua <u>criou</u>.</i>

<sup>32</sup> Note-se aqui a elisão da última vogal da conjunção: no texto impresso original, não há qualquer sinal gráfico que a sinalize, mas a sua existência parece-nos clara, pelo que concordamos com a proposta de leitura apresentada na antologia de Pimpão e Dias: *aa vida qu'é eternal* (Álvaro J. Costa Pimpão e Aida F. Dias, *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Vol. I (Coimbra 1973) 407.

*Tibulle,  
Mors iuvenem **campos misit** ad Elysios,  
Ne foret, aut **elegis molles** qui fleret amores  
Aut caneret **forti regia** bella pede.*

*Por que mais hy nom ouesse  
em **elegias** disesse  
quem amores **desyguaes**  
ou as **batalhas campaes**  
dos **rreys** screuer podesse.*

Como se pode observar, em ambos os textos destacam-se prosodicamente os vocábulos relacionados com a menção a Virgílio (*Vergilio* — *Ma[n]tua*), a ligação entre este e Tibulo (*comitem* — *ygal*), a vida após a morte (*campos Elysios* — *vida eternal*), a condução desta ao outro lado (*misit* — *leou*), a referência à elegia (*elegis* — *elegias*) e a caracterização dos amores (ainda que a tradução não seja exacta, há correspondência entre os adjetivos *molles* e *desyguaes*) e da guerra (*regia* — *dos rreys*), faltando apenas a tradução da referência ao hexâmetro dactílico (*forti pede*), que analisaremos mais adiante.

Assim sendo, a este nível nota-se que Sá de Meneses terá tido a preocupação de respeitar o realce dado ao vocabulário no texto latino, pelas escolhas métricas efectuadas, destacando os mesmos motivos na sua tradução.

## 2.1. As escolhas linguísticas

### 2.2.1. O vocabulário

Já em termos de extensão vocabular, é clara a diferença entre as duas línguas: o latim, mais sintético, usa 27 palavras, ao passo que o poema português usa 41. Assim sendo, em termos vocabulares, a divisão é a seguinte:

Tipo de palavra	Latim	Português
Nome	10	8
Adjectivo	5	5
Advérbio	2	5
Pronome	2	6
Verbo	4	8
Conjunção (ou locução conjuntiva)	3	2
Preposição isolada	1	1
Artigo isolado	0	2
Contração de preposição e artigo	0	3
Interjeição	0	1

Em alguns casos, a escolha de palavras derivadas das latinas para traduzir estas últimas é clara. Esta correspondência vocabular sucede, por exemplo, no caso de alguns nomes — como *Tibulle* (*Tibulo*), *mors* (*morte*), *elegis* (*elegias*) ou *amores* (*amores*) —, de adjectivos — como *non aequa* (*dessyqual*) — ou de pronomes — como *te* (*te*), *qui* (*quem*).

Há também casos em que, não havendo correspondência a nível vocabular, se mantém a correspondência semântica: tal sucede, por exemplo, em *bella* (*batalhas campaes* — note-se o uso do adjectivo para clarificar o sentido do nome latino), *ne* (*por que nom*), *misit* (*leuou*) ou *foret* (*ouuesse* — verbo *aver* usado com um sentido existencial, também presente na forma verbal *foret*, pretérito imperfeito do conjuntivo de *sum*).

Mais interessante, porém, é o recurso a perífrases que permitem a consonância de ideias quando não há uma clara correspondência morfológica.

Por um lado, em dois casos, esta situação permite manter a clareza do texto latino. É o que sucede com *comitem* — em que, apesar de não se manter o sentido de ‘companheirismo’, a oração relativa com função adjectiva *que soo foras yqual* permite manter a ideia de ‘associação a outra pessoa’, veiculada também pelo adjectivo latino — ou *regia bella*, em que o adjectivo latino é substituído, no poema em Português, pelo complemento determinativo *dos rreys*.

Por outro lado, há dois casos em que a perífrase não demonstra fidelidade ao texto original. O primeiro diz respeito à referência ao poeta Virgílio, cujo nome, apresentado directamente no epigrama de Domício Marso, surge na tradução portuguesa apenas sob a forma de uma alusão, veiculada pelo uso do topónimo ligado ao seu nascimento: ‘ao que Ma[n]tua criou’. O segundo caso prende-se com a referência indirecta à vida depois da morte no texto latino — *ad Elysios campos*. A alusão a este local,

mencionado tanto na literatura grega como na latina<sup>33</sup>, reveste-se de um interesse especial: Tibulo apresenta nas suas elegias, e ao falar da sua própria morte, uma descrição vívida destes campos, que associa a uma vida paradisíaca (I.3.57-66), por oposição à vida no Tártaro (I.3.67-82), pejada de sofrimento. Voltamos, assim, a encontrar uma reminiscência do texto tibuliano que não é transposta para o poema em Português, muito provavelmente porque não seria uma referência reconhecível para a maioria do público de Sá de Meneses, para além de ser uma alusão claramente pagã. Assim sendo, o tradutor opta por apresentar uma expressão mais inteligível ao escolher uma perífrase em que o adjectivo *eternal* é fulcral para transmitir a ideia de morte: *aa vida que e ternal*.

Para além destes casos, destacamos ainda uma referência à métrica latina. No segundo dístico do epigrama latino, Domício Marso opõe dois tipos de metro — *elegis* (elegia) e *forti pede* (metro heróico) —, através dos quais refere indirectamente os dois poetas mencionados, lamentando a orfandade literária que o seu desaparecimento provoca a nível da elegia (Tibulo) e da epopeia (Virgílio)<sup>34</sup>. Esta oposição clara referente aos usos métricos da literatura latina não surge na tradução de Sá de Meneses, muito provavelmente porque, dada a forma de versificação diferente do Português, o público não reconheceria o contraste.

Esta é a razão por que, embora haja grande fidelidade semântica ao texto original, na segunda quintilha do poema português encontramos uma tradução nem sempre fiel ao poema original. É o que sucede com a tradução da expressão *amores desyguaes*: o sentido mais óbvio do adjectivo *mollis*, *e*, no contexto amoroso da elegia, seria ‘delicado’, ‘terno’, ‘afectuoso’, embora ele possa ser usado com o sentido de ‘flexível’, ‘variável’, podendo haver assim correspondência semântica com a forma adjectiva *desyguaes* (se interpretarmos ‘desigual’ no sentido de ‘variável’,

<sup>33</sup> *Brill's New Pauly — Encyclopaedia of the Ancient World* (Leiden/Boston 2004) s. u. *Elysium*.

<sup>34</sup> *A History of Roman Literature* (1997) 825.

embora não seja certo que fosse a acepção pretendida por Sá de Meneses). O mesmo sucede com a ausência de tradução de *forti pede* (que alude ao hexâmetro dactílico, típico da epopeia): apesar de não fazer menção à métrica latina, o tradutor mantém uma oposição semântica no texto, ao contrastar — através do adjetivo — os dois motivos relacionados com a temática da métrica e que seriam reconhecíveis pelo seu público: os *amores desyguaes* (que seriam cantados nos *elegis molles qui fleret amores*) e as *batalhas campaes dos rreys* (cantadas na épica, ou seja, no *forti regia bella pede*).

### 2.2.1 A sintaxe

Por fim, repare-se nas semelhanças sintácticas existentes entre os dois poemas, que revelam um grande cuidado na tradução. De facto, vários são os casos em que o tradutor consegue uma correspondência total entre o texto original e a sua tradução:

Vocativo: *Tibulle* — *oo Tibulo*

Sujeito: *Mors non aequa* — *morte muy dessyqual; qui* — *quem*

Objecto Directo: *te* — *te; Bella* — *batalhas campaes; molles amores* — *amores desyguaes*

Verbo: *misit* — *leouo; foret* — *ouuesse; fleret* — *dissesse*

Complemento circunstancial de lugar: *elegis* — *em elegias; ad campos Elysios* — *aa vida (que e ternal)*

Note-se, em especial, este último caso: embora mantenha sintacticamente a circunstância de lugar, Sá de Meneses opta por apresentar, na sua tradução, o nome *vida* seguido de uma oração relativa adjectiva — *que e ternal* — que transmite o sentido de eternidade de uma forma mais clara, como vimos.

Relativamente aos tempos e modos verbais, e ainda que no poema português as formas verbais sejam o dobro das latinas, verifica-se também um grande respeito pelo texto original. Assim, encontramos o pretérito perfeito do indicativo em *misit* — *leouo* e o pretérito imperfeito do conjuntivo em *foret* — *ouuesse* e *fleret* — *dissesse*. No caso de *caneret*, também no pretérito imperfeito do

conjuntivo, este tempo é apresentado pelo auxiliar — *podesse* —, sendo que o verbo que funciona como núcleo semântico se encontra no infinitivo: *screuer*.

Por fim, repare-se ainda no paralelismo sintáctico oracional que faz corresponder o início do segundo dístico do epigrama latino ao início da segunda quintilha do poema português: em Latim, introduz-se o dístico por uma oração final (*ne foret*) e é exactamente uma locução conjuncional final o que encontramos no início da segunda quintilha — *por que*<sup>35</sup> — que surge associada à negação (*nom*) e à forma verbal correspondente a *foret* (*ouuesse*). Da mesma forma, nesta segunda quintilha encontramos uma oração relativa introduzida por *quem* que também corresponde a uma oração relativa no texto latino (introduzida por *qui*), que se associa a uma disjuntiva em ambos os textos (*aut* — *ou*).

### 3. Conclusão

Ao longo deste estudo, pretendemos analisar com detalhe o Epitáfio de Tibulo, da autoria de Domício Marso, cotejando-o com a tradução portuguesa de João Rodrigues de Sá de Meneses. Sabemos que, à época, o Português, pelo menos a nível escrito, evidenciava oscilações de vários níveis, apresentando variantes sintácticas ou ortográficas, por exemplo. Por outro lado, ostentava já claras diferenças em relação ao Latim, nomeadamente no que diz respeito à estrutura do texto poético.

Para além disto, temos consciência de que a tradução poética é bastante complexa, dada a necessidade de respeito pelas escolhas estilísticas de um autor. Perante isto, o cotejo dos dois textos teve por objectivo procurar compreender se o tradutor tinha à sua disposição recursos suficientes para elaborar uma tradução fiel ao texto original ou se, pelo contrário, existia ainda uma manifesta carência linguística que não permitia um labor esmerado.

Estabelecemos, assim, um confronto entre o texto latino e o poema português tanto a nível da sua estrutura formal como das

---

<sup>35</sup> Huber, Joseph, *Gramática do Português Antigo* (Lisboa 2006) 308.

escolhas vocabulares ou sintácticas, o que nos permitiu chegar a algumas conclusões.

Em primeiro lugar, parece-nos que, embora as duas línguas apresentem diferenças claras a nível prosódico — em Latim a composição poética baseia-se na quantidade das sílabas, ao passo que o Português se rege pela rima e acentuação —, Sá de Meneses conseguiu manter-se fiel ao espírito do poema latino. De facto, o movimento rítmico do poema português respeita, no geral, o destaque dado no texto original a determinados vocábulos, nomeadamente pela sua posição face às cesuras.

Já em termos linguísticos, e embora também aqui haja grandes diferenças entre as línguas (dado que o carácter sintético do Latim não se repete em Português, língua analítica), as escolhas vocabulares evidenciam também o grande cuidado com que a tradução foi produzida. Assim, são variados os vocábulos que traduzem directamente palavras latinas de que derivam e, quando tal não acontece, o mais comum é encontrarmo-nos perante uma correspondência semântica. Contudo, neste âmbito, foi possível observar que há dois casos em que o tradutor opta por perífrases que exploram o assunto do texto latino de forma diferente e que há uma alusão que é mesmo omitida (a referência ao metro latino), embora haja cuidado em conservar uma dicotomia semântica que mantém a conformidade entre os dois poemas.

Por fim, em termos sintácticos a correspondência também é cuidadosamente observada: vários são os vocábulos que, num poema e no outro, mantêm exactamente a mesma função sintáctica e tempos e modos das formas verbais latinas são preservadas na medida do possível, dando-se até o caso de Sá de Meneses ter conseguido um feliz paralelismo sintáctico a nível oracional.

Tudo isto leva-nos a concluir que, apesar da complexidade da tradução que um texto poético implica, o poema de João Rodrigues de Sá de Meneses respeita quase integralmente o epigrama latino, a nível de conteúdo, e apresenta notáveis semelhanças a nível estrutural e sintáctico com o original.

Consideramos, assim, que se trata de uma composição cuja tradução, cuidadosa e inteligente, foi elaborada por um latinista bastante competente, evidenciando que a Língua Portuguesa, à época, manifestava já características linguísticas suficientemente fortes para uma tradução de qualidade.

## 6. Bibliografia

### Fonte dos exemplos medievais e latinos:

- Bailey, D. R. Shackleton (trad.), *Martial: Epigrams*. Vol. I-II (Cambridge 1993).
- Butler, H. E., *Quintilian: Institutio Oratoria*. Books IV-VI (Cambridge 1995).
- Neto, Serafim da Silva, *História da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro 1992).
- Pimpão, Álvaro J. Costa e Dias, Aida F., *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Vol. I (Coimbra 1973).
- Rolfe, John C., *Suetonius. Vol. II* (Cambridge 1997).
- Wheeler, A.L., *Ovid: Tristia, Ex Ponto* (Cambridge 1996).

### Bibliografia geral:

- Ali, Manuel Said, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro 1971).
- Brill's New Pauly — Encyclopaedia of the Ancient World* (Leiden/Boston 2004).
- Brocardo, Teresa, "Sobre periodização da história do português europeu. Contributo para uma discussão": *Iberoromania* 62 (2005) 97-117.
- Cardeira, Esperança, "Português Médio: uma fase de transição ou uma transição de fase?": *Diacrítica* 24.1 (2010) 75-95.
- Carvalho, Amorim de, *Tratado de versificação portuguesa*. Lisboa, Edições 70, 1974.
- Castro Ivo, "O Português Médio segundo Cintra (nuga bibliográfica)": Faria, Isabel Hub (org.): *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão* (Lisboa 1999) 367-370.
- Castro, Ivo, *Introdução à História do Português. Geografia da Língua. Português Antigo* (Lisboa 2004).
- Castro, Ivo *et alii*, *Curso de História da Língua Portuguesa* (Lisboa 1991).
- Ceccarelli, Lucio, *Prosodia y métrica del latín clásico: con una introducción a la métrica griega*. Sevilla, Universidad, 1999.

- Cruttwell, Charles Thomas, *A History of Roman Literature: From the Earliest Period to the Death of Marcus Aurelius*, Vol. II (New York 1906).
- Cunha, Celso e Cintra, Luís Filipe Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1992.
- Fardilha, Luís, “João Rodrigues de Sá de Meneses na corte de D. Manuel”: *Revista da Faculdade de Letras «Línguas e Literaturas» — Porto* 20.1 (2003) 305-316.
- Huber, Joseph, *Gramática do Português Antigo* (Lisboa 2006).
- Kenney, E. J. e Clausen, W. V., *Historia de la Literatura Clásica* (Madrid 1989) 455-457.
- Luque Moreno, Jesús, *El dístico elegíaco: lecciones de métrica latina*. Madrid, Clásicas, 1994.
- Maia, Clarinda de Azevedo, “Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a diferença entre português arcaico e português moderno”: *Diacrítica* 10 (1995) 3-30.
- Nougaret, Louis, *Traité de métrique latine classique*. Paris, Klincksieck, 1977.
- Paratore, Ettore, *História da Literatura Latina* (Lisboa 1983) 473-499.
- Putnam, Michael C. J., *Tibullus: A Commentary* (Oklahoma 1979).
- Ramalho, Américo da Costa, *Estudos sobre a época do Renascimento* (Coimbra 1969) 350.
- Rocha, Andrée Crabbé, *Garcia de Resende e o Cancioneiro Geral*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1979.
- Saraiva, António J. e Lopes, Óscar, *História da Literatura Portuguesa* (Porto 2001) 155-163.
- Silva, Rosa V. Mattos e, *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe* (São Paulo 2006).
- Simões, João Gaspar, *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa* (Lisboa 1964) 47-49.
- Sánchez Tarrío, A. M., “Algunas lecturas del Cancioneiro Geral de García de Resende desde los elegíacos latinos”: *Euphrosyne* 26 (1998) 261-268.

- Sánchez Tarrío, A. M., *Formación humanística y poesía romance en el Cancioneiro Geral de García de Resende* (Santiago de Compostela 2001).
- Sánchez Tarrío, A. M., “Notas sobre a biblioteca do fidalgo quinhentista João Rodrigues de Sá de Meneses”: *Euphrosyne* 33 (2005) 167-186.
- Sánchez Tarrío, Ana María, *Paisagem e erudição no Humanismo português* (Lisboa 2009).
- Vasconcelos, Carolina Michaelis de, *Lições de Filologia Portuguesa* (Lisboa s/d).
- Vasconcellos, J. Leite de, *Lições de Filologia Portuguesa* (Rio de Janeiro 1959).
- Vásquez Cuesta *et alii*, *Gramática da Língua Portuguesa* (Lisboa 1971).
- Verdelho, Telmo, *As origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas* (Aveiro 1995).
- Verdelho, Telmo, “Latinização na história da língua portuguesa, o testemunho dos dicionários”: *Arquivos do Centro Cultural Português XXIII* (1987) 157-187.
- von Albrecht, Michael, *A History of Roman Literature* (Leiden 1997) 754-769.

\* \* \* \* \*

**Resumo:** Usando a tradução de *Epitáfio de Tibulo* de Domício Marso, pretendemos contribuir para a análise da tradução de textos latinos em português medieval. Iremos comparar o poema latino com a sua tradução compilada na antologia poética medieval, *Cancioneiro Geral*, analisando as estratégias literárias e linguísticas seguidas pelo poeta medieval João Rodrigues de Sá de Meneses para transmitir uma mensagem compreensível para a sua audiência sem adulterar as ideias originais do texto.

**Palavras-chave:** Domício Marso; *Epitáfio de Tibulo*; João Rodrigues de Sá; *Cancioneiro Geral*; português medieval; latim.

**Resumen:** Por medio de la traducción del *Epitáfio de Tibulo* de Domicio Marso pretendemos ofrecer una contribución al análisis de la traducción de textos latinos en portugués medieval. Compararemos el poema latino con su traducción recopilada en la antología poética medieval *Cancioneiro Geral*, analizando las estrategias literarias y lingüísticas seguidas por el poeta medieval João Rodrigues de Sá de Meneses para transmitir un mensaje que resultase comprensible a su audiencia sin adulterar las ideas originales del texto.

**Palabras clave:** Domicio Marso; *Epitáfio de Tibulo*; João Rodrigues de Sá; *Cancioneiro Geral*; português medieval; latín.

**Résumé:** En reprenant la traduction d' *Epitaphe de Tibulle* de Domitius Marsius, nous prétendons contribuer à la traduction de textes latins en portugais médiéval. Nous comparerons le poème latin avec sa traduction appartenant à l'anthologie poétique médiévale, *Cancioneiro Geral*, en analysant les stratégies littéraires et linguistiques suivies par le poète médiéval João Rodrigues de Sá de Meneses pour transmettre un message compréhensible pour son auditoire, sans changer, toutefois, les idées du texte original.

**Mots-clé:** Domitius Marsius; *Epitaphe de Tibulle*; João Rodrigues de Sá; *Cancioneiro Geral*; portugais médiéval; latin.